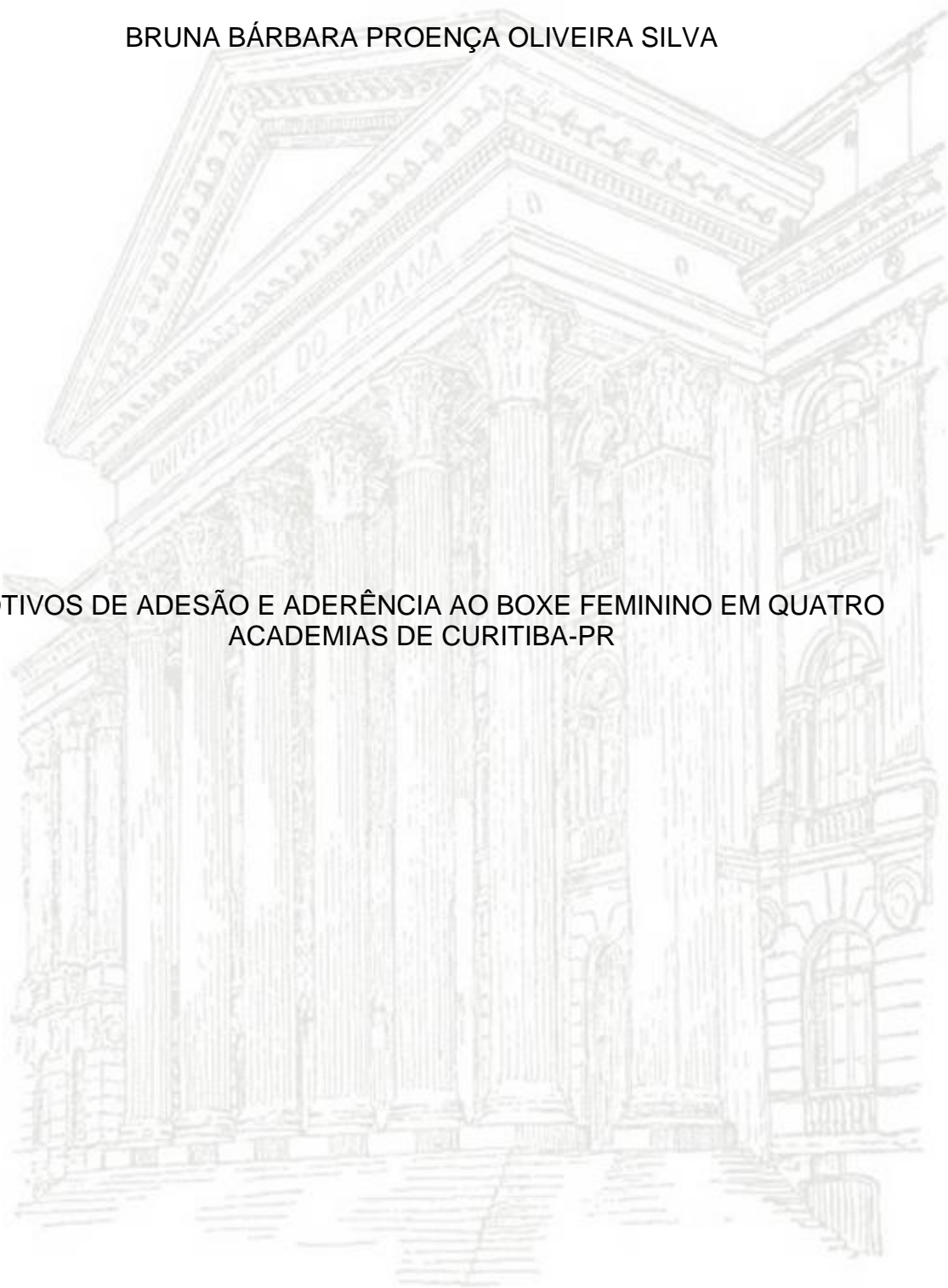


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNA BÁRBARA PROENÇA OLIVEIRA SILVA

MOTIVOS DE ADESÃO E ADERÊNCIA AO BOXE FEMININO EM QUATRO
ACADEMIAS DE CURITIBA-PR

CURITIBA
2013



BRUNA BÁRBARA PROENÇA OLIVEIRA SILVA

MOTIVOS DE ADESÃO E ADERÊNCIA AO BOXE FEMININO EM QUATRO
ACADEMIAS DE CURITIBA - PR

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado no curso de graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadores: Prof. Dr. André Mendes Capraro e Prof. Ms. Sidmar dos Santos Meurer

CURITIBA
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNA BÁRBARA PROENÇA OLIVEIRA SILVA

MOTIVOS DE ADESÃO E ADERÊNCIA AO BOXE FEMININO EM QUATRO
ACADEMIAS DE CURITIBA - PR

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Mestre Sidmar dos Santos Meurer

Orientador - Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal, UFPR.

Mestrando Rodrigo Cribari Prado
Universidade Federal, UFPR.

Curitiba, 20 de março de 2013

Dedico este estudo especialmente aos meus pais Luiz Carlos e Marisa, e ao meu namorado Henrique que tanto me amam, apoiam e incentivam. É muito bom ter a certeza de que sempre estarão ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele não somos nada, ao passo que com Ele todo fardo se torna leve. Também agradeço aos meus pais que com todo seu amor e disposição estiveram ao meu lado torcendo por mim em mais esta conquista. Agradeço ao meu namorado Henrique, pois seu amor, apoio e incentivo foram fundamentais para que eu concluísse mais esta etapa.

Agradeço aos meus queridos orientadores Prof. Dr. André Mendes Capraro e Prof. Ms. Sidmar dos Santos Meurer, muitíssimo obrigada pelas instruções, opiniões, correções, elogios, apoio e por serem exemplos para mim. Agradeço também aos colegas do grupo de estudos que a partir de suas experiências me deram dicas e ajudaram.

Agradeço a todos os colegas que estiveram ao meu lado durante a graduação, e especialmente as meninas, pois sem as risadas e o incentivo delas este processo teria sido mais exaustivo.

Agradeço a todos os bons e dedicados professores que tive durante a graduação, pois eles são fonte de inspiração para a profissional que estou me tornando e ainda pretendo ser.

E agradeço também a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para que este momento chegasse!

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória que objetivou compreender motivações que levam as mulheres a buscarem e se engajarem no boxe feminino em quatro academias de Curitiba. Observa-se um fenômeno de busca delas por esta modalidade em Curitiba, o que se mostrou um problema digno de investigação para que seja possível compreender o que este fenômeno significa, não somente em relação à participação da mulher no esporte, mas também as transformações que o esporte sofre na sociedade. O principal elemento para elucidação deste trabalho foram entrevistas com 08 mulheres praticantes da modalidade há pelo menos seis meses em quatro academias de boxe de Curitiba. A partir das entrevistas permitiu-se compreender melhor as motivações que levam as mulheres a buscarem e se engajarem nessas práticas, suas razões subjetivas, íntimas e o modo como esses sentidos individuais se constituem a partir das relações que estes sujeitos estabelecem. Também interessou ao estudo promover uma reflexão e compreender como tem se dado esse fenômeno. A partir dos resultados do estudo, percebe-se que os motivos mais influentes para a adesão das mulheres ao boxe feminino são localização, sociabilidade e ambiente, e os motivos pelos quais elas têm aderência ao esporte são o alto gasto calórico (finalidades estéticas) e o dinamismo do esporte. Além de fatores que convergem para a adesão e aderência, como o ambiente e a diminuição e controle do estresse através desta prática. O estudo permitiu perceber que as mulheres buscam o boxe por anseios que vão muito além do boxe tradicional. E também permitiu constatar que estas mulheres não se consideram em uma prática masculina, mas sim, apropriaram-se dela de tal maneira que este movimento de inserção tende a elevar-se cada vez mais.

Palavras-chave: Adesão e aderência. Boxe. Boxe Feminino. Mulheres. Educação Física.

ABSTRACT

This study is a qualitative, descriptive and an exploratory research which aimed to understand motivations that lead women to seek and engage in female boxing into four academies in the city of Curitiba. A crescent search for this kind of sport activity, by the female public can be observed, which was a worthy field of research so that one can understand its meaning, not only in relation to the participation of women in sports, but also the transformations that the sport is suffering in society. The main element for elucidation of this work was the interviews with 08 women who are practitioners of this activity for at least six months. From the interviews we were able to better understand the motivations that lead women to seek and engage in these practices, their subjective and intimate reasons and how these individual significations are constituted from the relationships they establish. This study had also the intention to promote a reflection and to understand the way this phenomena occurs. From the results of this study made it possible to realize that the most influential reasons for the accession of the female public to women's boxing are the location of the academy, sociability and ambience, and the reasons why they adhere to the sport are the high calorie expenditure (aesthetic purposes) and the dynamism of the sport, besides factors that converge to both accession and adherence, such as the ambience and reduction and control of stress through this practice. The study allows us to realize that women seek the activity by aspirations that go far beyond the traditional boxing, and also allowed to see that these women do not consider themselves involved in a male practice, but is inserted therein so such a way that this insertion movement tends to raise more and more.

Keywords: Accession and adherence. Boxing. Female Boxing. Women. Physical Education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - RELAÇÃO PRELIMINAR ENTRE O BOXE EM WACQUANT E O BOXE EM ACADEMIAS.....	36
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 METODOLOGIA.....	14
2 SENTIDOS SOCIAIS DO BOXE.....	16
3 ADESÃO E ADERÊNCIA.....	23
3.1 ADESÃO.....	23
3.2 ADERÊNCIA.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
4.1 DESCRIÇÃO DAS ACADEMIAS.....	27
4.2 RESULTADOS.....	31
4.3 DISCUSSÃO.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES.....	43
ANEXOS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Conselho Nacional de Desportos – Deliberação nº07 de 1965:

Nº 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball.

No Brasil, as mulheres foram interditadas quanto à prática livre de determinadas atividades corporais e alguns esportes, pois o sexo feminino era considerado – e por vezes ainda é – como a natureza frágil que não deveria se expor ao que inclusive poderia masculinizar a mulher, como afirmado na deliberação acima. Outro fator que também poderia contribuir para essas interdições era a sua função social primária: a maternidade e o dever de manter a feminilidade e graciosidade inerentes ao sexo feminino. Sendo assim, as práticas pertinentes às mulheres eram aquelas consideradas adequadas ao corpo feminino e que visassem fortalecer seus corpos mantendo ainda a ideia de regeneração da sociedade (GOELLNER, 2006). Nota-se aqui uma relação tensa, e, portanto, histórica.

A primeira participação feminina nos Jogos Olímpicos ocorreu em sua 2ª edição, em Paris no ano de 1900, onde apenas vinte e duas participantes eram do sexo feminino em meio a 997 participantes¹. Desde então, notou-se uma transformação que tem como uma de suas principais características o substancial aumento da participação feminina nos eventos esportivos, ou seja, as mulheres, ao longo dos anos vêm se inserindo nas práticas esportivas tornando-se desta forma visíveis aos olhos da sociedade. Deve-se aqui ressaltar que esta ascensão feminina não ficou restrita ao âmbito esportivo, deu-se também em outros campos, tais como o mercado de trabalho, bem como na participação política. Contudo, durante este processo, as modalidades femininas sofreram algumas interdições, e a principal delas, refere-se a um Decreto-Lei sancionado pela Câmara Federal, que determina: “Às mulheres

¹ De acordo com dados do sítio Oficial do Movimento Olímpico, disponível em: <<http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Porém este é apenas um dos acontecimentos que tiveram o intuito de separar as práticas consideradas “masculinas” e aquelas consideradas “femininas”.

Vive-se em uma sociedade na qual as forças sociais sugerem que desde a infância os indivíduos disciplinem seus corpos para buscar as práticas corporais socialmente autorizadas para seu sexo. Porém, ao longo dos anos, as representações acerca de práticas e vivências para crianças do sexo masculino e feminino têm se transformado. Nesse sentido, a partir de considerações como as produzidas por Goellner (2003) e Souza (1994) pode-se sugerir a existência de processos sociais e culturais formativos sobre as mulheres que historicamente atuaram no desencorajamento de práticas de contato físico intenso, como o boxe, que é um esporte de combate representado primariamente pelo gênero² masculino, mas ainda assim se observa atualmente a procura de um conjunto de mulheres por tais práticas.

De acordo com o Glossário Básico do Boxe³, a palavra boxe vem do verbo inglês *to box* que teve seu significado modificado com o passar dos anos. Originalmente significava bater, por volta de 1500 D.C. passou a significar bater com os punhos e atualmente seu significado é "luta com os punhos, principalmente em prática desportiva" – além de não ser uma prática buscada inicialmente por mulheres. O boxe é um esporte de combate, onde todo movimento de ataque vem de alguma variação de golpes com os punhos. Este esporte exige força, agilidade, condicionamento físico, flexibilidade, resistência, equilíbrio, concentração, coordenação motora, velocidade, potência muscular, entre outras habilidades e aptidões.

Este esporte é mundialmente conhecido por seus ícones masculinos, como Muhammad Ali, George Foreman, Myke Tyson, Roy Jones Jr, Acelino “Popó” de Freitas, Manny Pacquiao e os irmãos Wladimir Klitschko e Vitali Klitschko, entre outros detentores de títulos mundiais. Entretanto, em relação a

² Segundo Britzman (1996), gênero é a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher.

³ Segundo o Glossário Básico do Boxe disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/dicio1.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2012.

campeãs ou lutadoras de destaque observa-se que há participação feminina, porém o boxe profissional para as mulheres ainda pode ser considerado tímido. Duda Yankovich, Laila Ali, Chris Namús, Tenkai Tsunami são campeãs mundiais de boxe feminino, porém, devido às mulheres serem praticantes recentes da modalidade ainda não se apresenta uma longa trajetória na história do boxe. Elas ainda ocupam espaço de menor destaque na busca do público apreciador do boxe, mas também chegam a aparecer, mesmo que timidamente, na mídia/imprensa não especializada.

Este crescimento da participação das mulheres no âmbito esportivo as fez ganhar espaço não só em meio aos praticantes. Atualmente, além de praticar, elas já fazem parte do corpo de arbitragem em Olimpíadas. Em seu estudo acerca das histórias e regulamentos dos Esportes de Combate Olímpicos, Souza (2010) contabilizou 30 árbitras no judô, 11 na Esgrima, 07 no Boxe, 03 em Lutas e 02 no Taekwondo. Além de árbitras, as mulheres ocupam ainda funções de treinadoras e técnicas de diversas modalidades. A modo de exemplo nacional tem-se Patrícia Amorim que é ex-atleta da natação, competiu nas Olimpíadas de Seul em 1988 – onde quebrou recordes - e é a atual, e primeira mulher⁴ Presidente do Clube de Regatas do Flamengo.

Atualmente (em 2012) a Confederação Brasileira de Boxe conta com uma Equipe Olímpica Permanente de 10 atletas, na qual 04 são mulheres: Adriana Araújo - campeã mundial em 2008 e 2010, Andréia Bandeira - campeã mundial em 2010 em Barbados, Roseli Feitosa – campeã mundial em 2011 e Rosilaine Silva – detentora de títulos importantes como o de vice-campeã Pan-americana em 2012 no Canadá. Isto mostra que as mulheres não só têm praticado o esporte, mas também se tornaram capazes de representar o país neste esporte, além de penetrarem e problematizarem estas práticas de redutos que, muito fortemente, estão associadas ao sexo masculino. Também em 2012 há uma importante conquista no boxe feminino, o Comitê Olímpico Internacional aceitou a inclusão do boxe feminino nas Olimpíadas de 2012 em Londres, pois considerou o progresso das mulheres no esporte relevante para

⁴ De acordo com matéria intitulada “Patrícia Morim é eleita a primeira mulher presidente do clube do Flamengo” veiculada no sítio <<http://esportes.r7.com/futebol/times/flamengo/area-publica/noticias/patricia-amorim-e-eleita-a-primeira-mulher-presidente-do-flamengo-20091208.html>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

que o mesmo se desenvolva, e será retirada inclusive uma categoria masculina para dar espaço a uma categoria feminina⁵.

A partir da inserção das mulheres no esporte, e particularmente nos esportes de combate, entre os quais o boxe, observa-se um fenômeno de busca delas por esta modalidade em Curitiba. Tal fenômeno representa uma questão passível de investigação para ampliar a compreensão, não somente em relação à participação da mulher no esporte, mas também as transformações que a modalidade esportiva de combate boxe tem sofrido na sociedade.

Por serem praticantes recentes da modalidade as mulheres ainda não apresentam longa trajetória na história do boxe. Entretanto, as atletas e praticantes marcam pouco a pouco o esporte através de seu esforço e dedicação.

Ao longo da última década, na cidade de Curitiba⁶, as mulheres têm buscado este esporte a partir de objetivos diversos que vão além de subir nos ringues ou aprender um esporte de combate para lutar.

Tendo em vista a constatação de que há procura por parte do público feminino por estas aulas, o presente estudo analisou aulas de boxe na cidade de Curitiba, procurando investigar como acontecem essas aulas em função de espaços, tempos, materiais e através de entrevistas com praticantes levantando suas impressões em relação aos motivos que as levam a começarem a praticar o boxe. A partir das questões apontadas anteriormente questionou-se: por que as mulheres começam a praticar boxe? E quais motivos fazem-nas continuar praticando?

A fim de responder tais questionamentos, lançou-se mão de dois conceitos que têm sido utilizadas nas investigações sobre a procura por

⁵ Ver a matéria intitulada "COI inclui boxe feminino na Olimpíada de 2012", veiculada no sítio <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/08/090813_boxfemolimpiadasfn.shtml>, acesso em 05 mai. 2012.

⁶ Segundo entrevista de Edson Cesar Antonio "Foreman" à pesquisadora em 2011. Ele mencionou uma intensa procura por mulheres pelas aulas de boxe a partir de 2005. Ele é atleta profissional de Boxe, está no esporte há 22 anos, detém títulos como, campeão no Torneio Forja de Campeões, campeão paranaense amador, campeão paranaense de boxe profissional (versão – Liga Paranaense de Boxe), vice-brasileiro, campeão brasileiro profissional (versão – Federação Nacional de Boxe Profissional), bicampeão paranaense, campeão paulista, vice-campeão no Torneio dos Campeões, campeão brasileiro de boxe (versão - federação pavilhão de boxe profissional), campeão Mundo Hispano pelo Conselho Mundial de Boxe.

práticas corporais ou atividades físicas. Tais conceitos são adesão e aderência, e sua utilização tem como objetivo refletir sobre quais motivos levam as mulheres em Curitiba a iniciar esta prática e o que as fazem permanecer praticando o boxe como uma de suas principais ou sua principal atividade física.

Um dos objetivos principais desse trabalho foi compreender o que motiva as mulheres a procurar e a permanecer em tal prática, e assim compreender determinados sentidos envolvidos na participação de mulheres nas aulas de boxe em espaços sociais característicos. A modalidade se popularizou entre as mulheres, e torna-se fundamental investigar por que elas escolheram esta prática como atividade principal, qual sua relação com o boxe e como se sentem inseridas no mesmo, uma vez que estes são fatores que motivam a realização desta pesquisa.

Esta pesquisa se justifica pela escassez de produções científicas acerca dessa temática, bem como, tem a finalidade de agregar conhecimentos para os profissionais de educação física que trabalham com boxe, no sentido de que os mesmos possam melhorar suas aulas de acordo com as motivações de suas alunas.

A pesquisadora, como muitas mulheres, tinha receio de fazer uma aula de boxe, pois imaginava que era uma prática muito agressiva, porém após inserir-se na prática mudou a sua concepção, pois percebeu que poderia praticar a modalidade sem se machucar ou interferir em sua feminilidade, além dos benefícios proporcionados por uma prática física intensa como esta.

1.2 METODOLOGIA

Segundo a classificação de Rodrigues (2007), esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas em quatro academias com ênfase no ensino, prática e/ou treinamento de boxe em Curitiba. As entrevistas foram gravadas em um gravador digital *Powerpack* DVR-1920, e logo após foram transcritas.

As colaboradoras foram duas alunas de cada academia, totalizando oito entrevistadas, em qualquer faixa etária, desde que apresentassem aderência regular à prática há mais de seis meses, tal qual sugere Rojas (2003) que constatou que mais da metade da amostra se mostrou desistente antes de seis meses.

As entrevistas tornaram-se instrumento fundamental para a elucidação deste trabalho, uma vez que interessou ao mesmo compreender quais as motivações que levam as mulheres a buscarem e se engajarem nessas práticas, suas razões subjetivas, íntimas e o modo como esses sentidos individuais se constituem a partir das relações que estes sujeitos estabelecem, o que justifica as entrevistas como instrumento mais adequado para o levantamento de informações. Uma vez que a inserção feminina na modalidade boxe em Curitiba é um movimento recente, interessou também a este estudo promover uma reflexão e compreender como tem se dado esse fenômeno.

Após a coleta, foi realizada interpretação, análise e classificação dos dados, pois segundo Rodrigues (2007), “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.”

A pesquisa se utilizou ainda de dados e informações disponíveis em publicações, o que contribuiu para a revisão bibliográfica.

Em conjunto com as entrevistas, foram realizadas ligeiras observações para perceber como ocorrem as aulas e a estrutura da academia, para que fosse possível delinear como se configuram tais práticas, e o modo como a participação das mulheres tem ajudado a constituir tais práticas e seus significados sociais e culturais.

O critério de seleção para a escolha das academias e entrevistadas foi feita a partir da aceitação das mesmas quando contatadas para a realização desta pesquisa e também por sua representatividade no cenário investigado, a cidade de Curitiba. A fim de preservar o anonimato dos sujeitos individuais e institucionais envolvidos, as academias foram denominadas A, B, C e D.

2 SENTIDOS SOCIAIS DO BOXE

Um dos estudos mais significativos em relação à prática do boxe e os seus significados sociais e culturais é o livro de Loic Wacquant, “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, de caráter etnográfico. Para o seu desenvolvimento o pesquisador conviveu por mais de três anos com lutadores amadores e profissionais em um ginásio de boxe no gueto de Chicago, nos Estados Unidos. Observou e registrou as rotinas de treino, as lutas, as vidas, entre outras coisas, além de ter aprendido a modalidade e ter chegado inclusive a competir. A partir deste estudo levantam-se muitas questões importantes existentes em meio à prática da modalidade observada pelo autor. Entretanto, para o presente estudo, uma destas se destaca: as representações sociais carregadas pelos sujeitos que participam deste meio.

Wacquant oferece muitos elementos para compreender esse lugar social em que se desenvolviam as práticas investigadas. O salão de treinamento ou simplesmente o *gym*⁷, como denomina o autor, caracteriza-se como um espaço lúgubre, fétido e cujos sons escutados são aqueles dos instrumentos de treino – cordas batendo no chão, sacos de areia pendurados em correntes, bolas de couro, botas movimentando-se sobre o ringue, a respiração dos boxeadores, e também o alerta do relógio que toca a cada três minutos. Este é o local:

[...] em que se modela o pugilista, a oficina em que se fabrica o corpo-armadura e armadura que ele se apressa por lançar em confronto no ringue, o cadinho em que são polidas as habilidades técnicas e os saberes estratégicos, cuja delicada reunião faz o lutador acabado [...] um santuário, ele oferece um espaço protegido, fechado [...] o *gym* é, também, uma *escola de moralidade*, no sentido durkheimiano, isto é, uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, a autonomia da vontade, todos indispensáveis à eclosão da vocação do pugilista. (WACQUANT, 2002, p. 32).

Logo, nestes salões, os treinos vão muito além de vivenciar uma prática, estes homens vivem em uma “arena de desafio” sob seus próprios corpos, buscam encontrar e superar seus limites, formar a si mesmo e seu caráter,

⁷ Como é chamado o salão de treinamento na língua inglesa e por Wacquant (2000) em seu estudo.

visando ser um pugilista completo, viril, praticante da Nobre Arte. Nos dizeres do autor, estes sujeitos são buscadores de:

[...] mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual, entre o que emerge das capacidades atléticas e o que diz respeito às faculdades morais e à vontade. O boxeador é uma *engrenagem viva* de corpo e de espírito que despreza a fronteira entre razão e paixão, que explode a oposição entre a ação e a representação [...] (WACQUANT, 2002, p. 34).

Estes sujeitos mesclam-se entre o que são as questões inerentes à prática e o que buscam nos treinamentos. Moldam-se e se dedicam para pertencer a esta “confraria viril”, a esta fábrica de boxeadores. O mesmo autor ainda se refere ao boxe ainda como “instituição feita de homens”, o que somado às condições para a prática e aos sujeitos, confere ao boxe uma representação de masculinidade, a identificação com o masculino desta prática.

Juntamente a construção dessa identificação estereotipada com o masculino, outro sentido que atravessa as práticas desenvolvidas no *gym* norte-americano é apontado por Wacquant em outro estudo relacionado à sua experiência em Chicago (2000), no qual o autor procura compreender os processos de acomodação e exploração dos boxeadores. Argumenta o autor que muitos lutadores desempenham o papel de “ingênuos” ou “simples marionetes”. Entretanto, são conscientes deste meio de exploração - o que se refere à acomodação - e chegam a dedicar boa parte de suas vidas a ele.

O autor expõe a exploração sobre os lutadores, a qual através de sofrimento ou aceitação ocorria concomitante à consciência dos indivíduos. Tal exploração se expressaria fundamentalmente através de três manifestações ou idiomas: a “prostituição” onde o lutador e empresário tem uma relação similar a de prostituta e cafetão; a “escravidão” que se mostra através do ringue e empresários, comparativamente a uma plantação e os senhores de escravos; e a “criação animal” onde os boxeadores são tratados como “animais domésticos de valor comercial”. Como exploradores, os empresários “traficam legalmente” os lutadores e os enxergam através de seu “valor comercial”, sem considerar muitas vezes seu valor humano. A maioria dos lutadores não tem remuneração justa por seus serviços, ou recebe apenas “umas migalhas”. Isto mostra que

muitos se vendiam por pouco e que havia um universo de submissão a lógica dos empresários (WACQUANT, 2000).

Esta exploração poderia ser de certa maneira justificada por sentidos diferentes, como, por exemplo, os lutadores a aceitarem como um elemento trivial entre lutadores e empresários. Ou ainda concordar que os riscos corridos por eles se tornariam necessários para a busca de lucros, que seriam característicos do “espírito empreendedor que atravessa o ofício” – ou seja, aquele que treina é alimentado como gladiador do “próprio destino” e chega a crer que ele será “exceção individual à regra coletiva”, pois conseguirá se destacar onde ninguém se destacou e ser contrário ao que é esperado, entre outros fatores (WACQUANT, 2000). Ainda deve-se considerar que os boxeadores acabam tornando-se reféns de seu meio, isto é, da comercialização e de certa forma, admitem seu estado de mercadoria. Além dos lutadores que pouco tem e empresários a fim de lucrar para levar o negócio adiante, ainda há a falta de regulamentação do Estado neste universo marcado pelo status manchado de marginalidade.

Estas questões emprestam a este ambiente do boxe fatores estreitamente vinculados ao universo masculino, tal qual tem sido construído na sociedade ocidental: treinos exaustivos, submissão aos empresários acreditando em qualquer melhoria, abandono de outras perspectivas de vida ou trabalho são características dos sujeitos viris que buscam por sentidos profissionais e de vida no boxe.

Por outro lado, suspendendo temporariamente os sentidos sociais apurados por Wacquant, Stigger (2012) apresenta outros elementos importantes a fim de compreender o objeto de investigação do presente trabalho, a prática social do boxe. Em um estudo empírico, também de corte etnográfico desenvolvido na cidade de Porto Alegre, Brasil, este autor localiza a prática do boxe em academias naquele cenário no interior de um espectro entre a “desesportivização do boxe,” e a “esportivização do *fitness*”. Tal localização se expressa através da observação de que muitas academias de *fitness* ofereciam a prática do boxe, e que tal oferta atraía indivíduos com os mais diversos interesses, muitas vezes distantes daqueles sentidos mais tradicionais apurados por Wacquant em relação ao *gym* norte-americano.

Para os objetivos da presente pesquisa e pela singularidade do objeto investigado (o boxe em academias de Curitiba) as contribuições de Stigger ajudam a pensar o objeto investigado.

Embora os sentidos ou mesmo as representações sociais levantadas por Wacquant - na década de 80, no contexto norte-americano - em relação à prática do boxe possam ser ainda hegemônicos, quando se observa a apropriação do boxe por academias de *fitness*, uma heterogeneidade de sentidos se manifesta. Ou seja, objetivos diferentes apresentados pelos praticantes da modalidade estão postos lado a lado, entretanto não se misturam.

Para tal entendimento, as colocações de Stigger (2012) tornam-se fundamentais. A partir das entrevistas realizadas por ele, os motivos pelos quais os homens buscam o boxe na academia aproximam-se da busca por técnicas como defesa e ataque e “secar”⁸. Já as mulheres, tal qual expresso na fala de Renata, uma das colaboradoras de Stigger: “Eu gosto mais quando a gente faz luva porque é mais emocionante. O único problema é que, por exemplo, [...] a Laura, ela não se esforça – é ruim treinar com ela. [...]”, podem buscar a prática por enxergar uma “possibilidade de lutar”, ou como sua colega de treino, visando o emagrecimento.

A partir destes objetivos, observa-se que os praticantes consideram diferentes propósitos para aderir à atividade, o que muitas vezes acaba por gerar discordância. Segundo Stigger (2012), “uma aula de boxe de academia deveria estar pautada mais pelo desenvolvimento de aptidões de luta e menos pelo que, na maior parte das vezes, se espera de uma aula de *fitness*.”

O que não se aproxima do *gym* de Wacquant (2002), mas também não se refere à busca pelo que Stigger (2012) chama de “boxe de rendimento”⁹. Logo, a busca pelo boxe na academia apresentada por Stigger (2012) fica entre a prática caracterizada por luta e a prática pela atividade física ou *fitness*.

⁸ Expressão utilizada por Ricardo, um dos entrevistados de Stigger, que quer dizer emagrecer ou emagrecer visando diminuir o percentual de gordura e/ou definição muscular, decorrentes de preocupações eminentemente estéticas ou de veiculação de imagens corporais.

⁹ Stigger utiliza a expressão para fazer menção ao boxe que os atletas praticam para competir oficialmente.

Ricardo, um dos entrevistados de Stigger (2012) retrata o cenário do que encontrou quando veio dos Estados Unidos para trabalhar com boxe no Brasil, o que também é encontrado em Curitiba:

Num ginásio, nos Estados Unidos, as pessoas não dão bola pra ti, só se tu mostrar talento [...] lá eles querem é que tu lute, não tem essa de atividade física. [...] e quando tu sobe num ringue é pra tomar porrada mesmo porque lá o objetivo é lutar [...] Quando eu cheguei aqui no Brasil foi diferente, se eu fizesse desse jeito aqui tinha que fechar a academia, ia ficar sem aluno. Aqui eu tive que montar um circuito, comprar luvas comprar todo o equipamento, começar a falar dos benefícios do boxe, assim, não pra lutar, mas pra condicionamento físico também. (STIGGER, 2012, p. 113).

Esta adaptação do boxe evidencia o movimento que ocorre para que a prática alcance um público que, sem tais modificações, possivelmente não a procuraria. Stigger (2012) interpreta tal movimento como o desenvolvimento de "uma forma de (re)apropriação do boxe, articulando-o com aspectos usualmente encontrados nas academias de fitness."

Para que os objetivos dos alunos e as atividades no boxe convirjam torna-se necessário o treinamento que ofereça aspectos interessantes aos alunos, como por exemplo, para Eduardo, um dos entrevistados de Stigger (2012), que encontrou no boxe na academia:

O que me chamou atenção no boxe foi o treinamento mesmo [...] E isso é uma coisa importante, eu achava uma atividade física muito boa e eu não sentia o sofrimento de fazer uma atividade física com obrigação de fazer uma atividade física para emagrecer, o boxe era uma coisa que unia o útil ao agradável né [...] fazia um bem pra mim, eu emagrecia fácil com boxe e me sentia bem treinando boxe. [...] Acho que é importante também a técnica, e eu acho que seria mais difícil o cara me acertar um soco assim, acho que é positivo. Acho que foi importante até saber se defender. (STIGGER, 2012, p. 114).

Stigger chama atenção para os vários significados construídos em torno de uma certa "dimensão utilitária" do boxe, no sentido de a prática oferecer uma diversidade de elementos que constituem os propósitos do participante e ainda, ofertam, por exemplo, noções de técnicas ou aperfeiçoamento delas, que podem ser utilizadas para autodefesa.

Entretanto, esta diversificação de objetivos oferecidos pelo boxe não oferece várias vertentes. Isto é, a prática apresenta-se híbrida, hibridação esta que de acordo com Canclini (2008, citado por STIGGER, 2012) refere-se a

“processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de certa forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Logo, o boxe na academia não anula aquele dos salões de treinamento de Wacquant, entretanto, apresenta novos elementos e uma nova estrutura para que se torne, de certa maneira, popular.

Este esporte (re)apropriado apresenta características que atendem as necessidades de sujeitos que buscam por aprendizagem da técnica, “fazer luvas”¹⁰, assim como aqueles que atribuem ao esporte o que Stigger (2012) diz ser “um caráter desesportivizado”, em que o sentido de “atividade física” ou “exercício físico” sobrepõem-se ao anseio por aprendizagens de técnicas ou a expectativa da experiência de combates. Do mesmo modo, a possibilidade de identificação de outros significados que podem se relacionar com a prática, como por exemplo, questões estéticas, satisfação em determinada atividade física e o sentido de satisfação ou lazer, outros elementos tão importantes da prática.

Relembrando a heterogeneidade, que somada a (re)apropriação da modalidade, o autor observa que o boxe de certa forma distancia-se dos salões de treinamento de Wacquant (2002) e “admite outras práticas e referências de corpo, de técnicas e de significados.” Portanto, no boxe praticado na academia de *fitness*, não é necessário o objetivo de lutar, a modalidade pode ser praticada para “fins estéticos”, para adquirir “noção de luta”, ou ainda oferece elementos que atendem os indivíduos que buscam as “duas noções” (STIGGER, 2012). Isto, segundo Canclini (2008, citado por STIGGER, 2012, p.118) insere “o boxe da academia dentro de um 'processo de hibridação'” e “nos coloca frente a uma nova versão não estável, ao invés disso, repleta de heterogeneidades contínuas e dinamicamente elaboradas” que permitem uma prática recheada de diversidade de significados e “diversas estratégias de legitimação” (STIGGER, 2012).

Fundamentalmente a partir de Stigger (2012), o qual mapeou o boxe na academia e mostrou mulheres participantes da modalidade, afirma-se que aqui no Brasil há entrada da mulher no boxe. A participação feminina nas aulas de

¹⁰ Corresponde à simulação de uma luta no ringue durante o treino, com objetivo de aprimorar as movimentações e golpes aprendidos.

boxe aqui estudadas, podem significar tanto a transformação desses espaços ou lugar (as aulas de boxe) a fim de permitir a adesão e aderência das mulheres, quanto também o sentido inverso, ou seja, a participação das mulheres pode levar as aulas de boxe a se adequarem com objetivo de atender as suas prioridades e motivações. E sendo assim, é neste complexo que foi analisado o material empírico.

3 ADESÃO E ADERÊNCIA

3.1 ADESÃO

Em proporção cada vez maior as mulheres têm se inserido em modalidades de combate e inúmeros são os fatores influentes nesta adesão. Cada indivíduo ou até mesmo certo grupo, inicia determinada atividade por diversos motivos que podem relacionar-se ou não. Conforme Cratty (1984, citado por ALVES, 2010, p. 19) a “motivação denota os fatores e processos que levam pessoas a uma determinada ação, ou seja, é a razão pela qual se escolhe fazer algo”, e com isto, os fatores motivacionais tornam-se responsáveis pela adesão à atividade física.

A partir, de Alves (2010), pode-se definir motivo como uma necessidade, ativador de um comportamento que gera uma condição interna que leva o indivíduo a um comportamento orientado para um objetivo. Logo, a motivação é uma reação a partir de um objetivo que advém de um motivo inicial, e a adesão ocorrerá sempre que houver um motivo que levará a esta ação.

Alves (2010) apresentou ainda categorias para a adesão, como por exemplo, divertimento e “gosto de fazer exercícios”. Quanto as artes marciais, o autor coloca que a maioria dos praticantes adere à atividade física primeiramente por “saúde física”, seguido de “estética e performance”, “socialização”, “autoestima” e por último o “divertimento”.

Um estudo realizado por Sallis *et al.* (2000) no contexto norte-americano acerca da influência de terceiros na prática física, destaca como variáveis recorrentes associadas a adesão à prática física, e, portanto incentivadores, os amigos, pares, cônjuges, família e influência do médico como os mais relevantes na prática da atividade física, e os classifica no rótulo de “fatores sociais e culturais”.

Outro fator relevante para a entrada na atividade física é a prática em grupo. Esta influencia a iniciação e manutenção da adesão à atividade. Estar inserido em um grupo praticante da mesma atividade com intenções homogêneas faz com que os participantes sintam-se motivados, uma vez que

os interesses do grupo se convergem e os membros acabam por se conhecer, e com isto, a interação sustenta a realização da atividade e os laços sociais contribuem para a manutenção da adesão (WANKEL, 1993, citado por TAHARA *et al.*, 2003, p. 9).

Considerando o conceito de estágios de mudança apresentado por Prochaska *et al.*¹¹ (1992), pode-se perceber que a adesão se estabelece a partir do conjunto de estágios de ação e manutenção. Mas, esta se dá principalmente no estágio de ação, uma vez que o indivíduo já passou por um processo de conscientização e planejamento sobre a nova prática. No estágio de ação o novo hábito se estabelece, onde o indivíduo aderiu, por exemplo, a determinada modalidade, e a partir deste, na manutenção, o hábito já estará ocorrendo há mais de seis meses e o indivíduo agirá de maneira a evitar recaídas.

Para compreender a adesão deve-se considerar ainda o momento pós-estabelecimento da mesma. Erlich (2010) ressalta que se deve atentar para o comportamento com foco preventivo, isto é, “prevenção de lapso/recaída”. A prevenção de lapso/recaída visa tentar impedir que haja desaceleração no ritmo dos exercícios e o aluno chegue até mesmo a desistência da atividade. O autor propõe ainda estratégias para a prevenção, como por exemplo, variação dos exercícios, redução da carga de exercícios, exercícios alternativos nos feriados, preocupação do professor quando o aluno falta na academia e imposição de normas para frequência na academia. Coincidentemente, este autor utilizou como critério de seleção em seu estudo, o que se considerou também como critério de classificação nessa pesquisa, a regularidade nos exercícios há pelo menos seis meses contínuos.

Diversos fatores sejam eles interpessoais, ambientais, motivacionais, entre outros, interferem assertivamente na adesão as práticas físicas, pois esta liga-se diretamente aos “motivos”, e portanto, adesão está intimamente relacionada aos fatores que motivam os sujeitos, no caso particular desta pesquisa, a buscar o boxe.

¹¹ Vale ressaltar que o trabalho dos autores Prochaska *et al.* (1992) não foi realizado com praticantes de atividades físicas, mas com tabagistas.

A partir da contribuição dessa bibliografia que versa sobre a adesão às atividades físicas e a relaciona fundamentalmente aos motivos que levam o sujeito a prática, esta pesquisa tomou a noção de adesão como um dos seus componentes principais para a reflexão sobre a prática de boxe pelas mulheres. Este componente foi imprescindível ao estudo, uma vez que através dele, foi possível a partir do contexto apresentado aqui, captar e compreender quais motivos resultam no comportamento orientado, isto é, a adesão na atividade proposta. Esta compreensão somada a outros componentes igualmente importantes, os quais serão apresentados ao longo do trabalho, permitirá melhor compreensão em relação ao movimento de inserção das mulheres no boxe feminino em Curitiba.

3.2 ADERÊNCIA

A aderência, conforme Scalon (1988, citado por ALVES, 2010, p.17) define-se por “ingressar, aderir ou iniciar nos programas de iniciação esportiva, oferecidos em escolas ou clubes, públicos ou particulares.” A partir da adesão, o indivíduo que se estabelece em determinada prática, torna-se então aderente a mesma. E, mais do que efetivar-se em uma atividade organizada por alguma instituição, deve-se levar em conta os fatores que permeiam esta aderência. Os fatores determinantes para a aderência também têm influência direta sobre o comportamento na mesma, isto é, tudo que está envolvido para que haja aderência influenciará inclusive para que esta se mantenha.

Rojas (2003) classifica a atividade física em quatro grupos distintos, são eles: os determinantes pessoais, psicológicos e de comportamento, do ambiente, e social e físico. As determinantes pessoais referem-se às características pessoais, isto é, os fatores intrínsecos ao indivíduo, e neste grupo estão inclusive as variáveis biológicas, socioeconômicas e demográficas. Nos determinantes psicológicos e de comportamento destacam-se algumas condutas, como por exemplo, a percepção da eficácia, colocada por Sallis e Owen (1999) que significa a confiança que uma pessoa tem em executar uma atividade física específica em circunstâncias específicas, e este conceito liga-

se a comportamentos como exercitar-se. Há ainda a intenção de ser ativo, e outro fator denominado automotivação, ambos são altamente associados à participação em atividade física. Os determinantes do ambiente social e físico referem-se ao apoio social que pode vir de diversos sujeitos, mas principalmente da família, amigos e/ou instrutores e pode influenciar direta ou indiretamente no comportamento na atividade física. E o ambiente físico se refere às instalações adequadas e facilidade de acesso. Este fator pode ser considerado crucial para a escolha do indivíduo em exercitar-se, de forma que sua falta pode transformar-se em impedimento para a atividade física.

Além dos fatores inerentes a aderência, esta noção também pode ser compreendida tomando como critério o tempo em que se está inserido em determinada prática. Dishman (1991), Fallon *et al.* (2005) e Robson & Rogers (1994) afirmam que é nos primeiros seis meses que a metade dos participantes abandonam a atividade física. Em concordância com estes autores, no estudo de Rojas (2003) mais de 50% dos indivíduos apresentaram desistência antes de completar seis meses de atividade física. A partir de tais autores justifica-se a escolha de prática regular há pelo menos seis meses para participar deste estudo.

A aderência conta com muitos influentes e se determina a partir do estabelecimento do indivíduo em determinada atividade. A partir de tal bibliografia intentou-se descobrir quais são os influentes para a aderência e observar a relação, ou a falta dela, entre os fatores que podem determiná-la para as mulheres no boxe feminino em Curitiba. Esta elucidação foi essencial para compreender a construção social e o novo trajeto do esporte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DESCRIÇÃO DAS ACADEMIAS

O salão de treinamento onde foi realizado o estudo de Wacquant (2002) situa-se no bairro de *Woodlawn*, o qual apresenta uma economia precária, é local de moradia de muitos desempregados, tem poucas escolas, as quais se encontram em situação lastimável, entre outros. Segundo Wacquant (2002) a academia localiza-se em uma das ruas “mais devastadas do bairro”, na qual está uma:

[...] fileira de antigas casas de comércio apodrecidas ou queimadas, de terrenos baldios cheios de lixo e vidros quebrados, de construções abandonadas ao longo da linha de metrô que passa sobre elas. [...] raras lojas [...]. (WACQUANT, 2002, p. 39).

Estas características retratam a falta de assistência e estrutura que mapeiam a realidade do local onde está estabelecida a academia. Ela situa-se em local considerado perigoso, onde de acordo com Wacquant (2002) há “uma atmosfera de medo impregnaste”, a qual influencia diretamente as relações e o cotidiano dos moradores. Além disso, estão presentes o tráfico de drogas, contrabando e prostituição (WACQUANT, 2002, p. 41).

Segundo Wacquant, o salão – protegido por grades de metal, cadeados, fechaduras duplas, sistema de alarme eletrônico, tacos e beisebol – “oferece um lugar de *sociabilidade protegida*” onde quem ali entra, encontra de certa maneira, abstração aos acontecimentos externos e confere ao salão “o seu caráter atraente”. Os lutadores tornam-se uma família, aliviam seus sentimentos ruins no treino, e muitos encontram na modalidade uma saída e alternativa ao crime, drogas e marginalidade.

O Boys and Girls do Woodlawn, que compreende a academia de boxe e a creche infantil, faz parte e uma rede de treze clubes mantidos em Chicago pela The United Way, uma organização caritativa nacional [...]. (WACQUANT, 2002, p.48).

De acordo com Wacquant, praticamente em sua totalidade, os recursos são doações, as quais mantêm as atividades do clube, o qual tem uma missão que parte “em oposição 'rua' e à marginalidade econômica e social [...]”. Dentre as construções do clube, a academia (salão de treinamento) é uma das que tem menos recursos para manter-se, e inclusive o treinador não é pago por seu trabalho. Quanto aos equipamentos:

Os equipamentos gastos e estragados devem ser repostos pelo próprio ginásio, o que explica o estado avançado de deterioração dos sacos de areia e das luvas e a penúria crônica de alguns materiais (o clube tem um consumo de pêras¹² de velocidade que excede de longe a oferta, e muitas vezes há falta delas; a mesma coisa para as bolas teto-solo¹³ que servem para treinar jabe¹⁴). (WACQUANT, 2002, p. 49).

Muitos materiais são repostos pela arrecadação dos boxeadores amadores em apresentação a uma plateia composta por “notáveis” ou por uma “vaquinha” feita pelos frequentadores (WACQUANT, 2002). De acordo com Wacquant, “a creche e a academia coabitam, mas de maneira separada” onde um praticamente não interfere na rotina e práticas do outro. E embora, o salão apresente alguns improvisos e algumas instalações improvisadas:

[...] a academia é limpa e bem conservada; e, quando comparado ao estado avançado de decomposição do que está em volta, o gym não transmite de forma nenhuma a ideia de destruição. (WACQUANT, 2002, p.51).

Segundo descrição de Wacquant (2012) no salão de treinamento, há apenas três sacos, dois espelhos (que não ocupam a parede toda), uma *speedbag*¹⁵, uma barra de ferro, alguns halteres, cordas de pular, luvas, protetores genitais, capacetes de *sparring*, uma *punching-ball*¹⁶ e uma mesa forrada para que seja utilizada para fazer abdominais. Estes elementos

¹² Pequeno instrumento utilizado nas aulas de boxe que fica suspenso e tem forma de pera, utilizado para treinar velocidade.

¹³ Outro instrumento utilizado em aulas de boxe bola que fica presa ao teto e ao solo por cordas elásticas, utilizada para treinar um dos socos ensinados no boxe chamado “jabs”.

¹⁴ O mesmo que *jab*, soco ensinado no boxe.

¹⁵ Ou pera.

¹⁶ Ou teto-solo.

apurados por Wacquant em relação ao espaço ou lugar da prática do boxe na *gym* e seus respectivos desdobramentos sociais, já oferecem um primeiro cenário a fim de estabelecer relações e análises para o objeto investigado pela presente pesquisa. Tal realidade caracterizada por Wacquant apresenta em certos sentidos nítidos contrastes com as realidades das quatro academias pesquisadas no desenvolvimento deste trabalho. A partir da visita as referidas academias e da observação foi possível apurar uma série de elementos que configuram esse espaço, e assim estabelecer paralelos com a literatura à realidade apresentada por aquele autor.

A academia A dispõe de uma sala ampla com sacos pendurados por todo o ambiente, uma parede espelhada, pequeno espaço interno para pular corda, corredor/sacada externa longa com alguns sacos e espaço para pular corda, pneus, manoplas, uma *punching ball* e uma bola de suspensão.

A academia B dispõe de duas salas para a modalidade, em uma das salas há sacos pendurados ao longo de uma das paredes do ambiente, uma parede espelhada, espaço para pular corda e outras atividades, e em uma sala ao lado (anexa a primeira) há um ringue, uma parede espelhada, sacos pendurados em duas das paredes do ambiente, nesta sala anexa o espaço é menor do que da sala anterior para atividades e para pular corda. Quanto aos materiais, há espaguetes (os mesmos utilizados na natação), blocos de madeira, *punching ball*, pneus, bola de suspensão, manoplas, cordas, luvas, cordas de pular, halteres e colchonetes.

A academia C dispõe de uma sala ampla para a modalidade, há sacos pendurados em “L” na sala, uma parede espelhada, espaço para pular corda e outras atividades, e um ringue. Quanto aos materiais há cordas, halteres, manoplas, luvas e colchonetes, teto-solo e *punching ball*.

E por fim, a academia D dispõe de uma sala para a modalidade, há sacos pendurados ao longo de duas das paredes do ambiente, uma parede espelhada, espaço para pular corda e outras atividades. Quanto aos materiais há cordas, luvas, manoplas, caneleiras, barras, anilhas, halteres e colchonetes. Apenas a academia B oferece aulas exclusivamente para o público feminino.

Outro aspecto bastante emblemático e crucial para que se possa entender os sentidos sociais e culturais do boxe praticado pelas mulheres nas academias investigadas de Curitiba, é o contexto social em que as academias

estão inseridas. As localizações das academias investigadas, em contraste com o *gym* apresentado por Wacquant, são caracterizadas por bairros de classe média-alta de Curitiba, com alguns comércios bem estruturados em seu entorno, casas e prédios de alto valor aquisitivo. Tais estabelecimentos situam-se em quatro bairros diferentes da cidade de Curitiba, Água Verde, Bigorriho e duas academias no Jardim Social. O perfil das academias é similar no preço da mensalidade para a modalidade, variando de 80 a 100 reais.

A partir da descrição da infraestrutura e materiais do salão de boxe e das academias em Curitiba, pode-se observar o contraste de duas realidades completamente diferentes. O salão de Wacquant (2002) situa-se em um bairro pobre, enquanto as academias em Curitiba situam-se em bairros nobres, o que sugere o poder aquisitivo necessário para adquirir os materiais (luvas, bandagem, corda, roupas, tênis, entre outros) que podem ser utilizados nas aulas de boxe e também permite pagar mensalmente para praticar a modalidade nestes espaços estruturados.

Outro fator que diverge entre as academias e o salão de treinamento são os materiais, onde no salão de treinamento há pouca variedade de materiais e os que se tem são escassos, muitos já estão gastos e velhos, e quando há falta destes, precisam ser promovidas mobilizações para aquisição de outros. Enquanto nas academias pesquisadas na cidade de Curitiba a realidade encontrada é completamente diferente, pois há materiais diversos, organizados em algum local próprio para os mesmos dentro da academia, são em grande parte novos, não gastos e velhos como os apresentados por Wacquant, e não há preocupação com sua reposição, pois os donos ou responsáveis pelas academias assim que percebem a falta providenciam a reposição do material. Também grande parte dos alunos possui alguns materiais, como as luvas e manoplas.

Comparando o espaço físico, pode-se perceber novamente a distância entre as estruturas do salão de treinamento e das academias. Pois, o salão tem o básico para que seja possível a realização de treinos de boxe naquele local, enquanto as academias A, B, C e D foram preparadas para a prática com tudo que é necessário para que todos possam ter aulas de boxe de maneira confortável, além de apresentar ambientes limpos e claros para as práticas do boxe.

Quanto à caracterização das aulas de boxe nas academias pertinentes à pesquisa, percebeu-se uma estrutura geral comum, composta por uma parte aeróbica para aquecimento com corda ou corrida, aprendizado da movimentação de pernas, esquiva, estilos de socos, socos no saco, e também a possibilidade de a aluna subir ao ringue para “fazer luva”¹⁷ com o professor ou outra(o) aluna(o). A duração das aulas é de uma hora ou uma hora e meia, conforme observação da pesquisadora.

A partir da descrição do *gym* de Wacquant (2002) e das academias de Curitiba ficam evidenciadas que não só as realidades de infraestrutura são diferentes, mas também o quanto seus integrantes e propósitos se divergem. Enquanto muitos veem na *gym* a possibilidade de excluir-se do crime, drogas, marginalidade, e ainda, ascender profissionalmente, nas academias de Curitiba, as praticantes buscam a modalidade por motivos que sugerem a ressignificação do boxe.

4.2 RESULTADOS

A maioria das entrevistadas tem entre 22 e 30 anos, sendo apenas duas com idades que se distanciam destas, respectivamente 15 e 53 anos. Quanto ao estado civil, 06 delas são solteiras e 02 estão em relacionamento estável. Exceto a entrevistada de 15 anos, todas as outras têm nível superior completo, sendo que a entrevistada de 53 anos possui três graduações, além do que, todas as graduadas atuam em suas áreas de formação. Isto mostra também o contraste com o que apresenta Wacquant, uma vez que na *gym* encontram-se sujeitos de baixa escolaridade que buscam ascensão social neste esporte, enquanto estas mulheres que praticam a modalidade não estão buscando melhores condições materiais de vida através dele.

¹⁷ Corresponde à simulação de uma luta no ringue durante o treino, com objetivo de aprimorar as movimentações e golpes aprendidos.

Em relação ao tempo de prática, as entrevistadas estão na modalidade entre 10 meses e 06 anos, sendo que a prática varia entre 02 e 05 vezes por semana e o boxe é a principal atividade física destas mulheres.

Algumas praticantes já tiveram contato com outras modalidades de combate, como o muay thai, karatê e capoeira, algumas praticaram uma destas modalidades ao mesmo tempo em que praticavam boxe, mas acabaram saindo desta prática e optando por treinar somente boxe.

Quando questionadas sobre a satisfação com o peso corporal foi quase unânime a resposta “não” somada à vontade de perder peso, apenas uma entrevistada respondeu estar satisfeita. Em relação à saúde, as entrevistadas consideram estar em “bom” ou “ótimo” estado de saúde, sendo que todas fazem exames regularmente e nenhuma teve indicação médica para o esporte. Ainda sobre a saúde, as entrevistadas admitiram viver algum nível de estresse, sendo que todas as questionadas consideram a prática de boxe um fator contribuinte para regular ou diminuir ou estresse.

Em relação às questões referentes aos fatores de adesão, as respostas mais recorrentes estão relacionadas à sociabilidade, ambiente, localização e o fato de o esporte contribuir na diminuição do estresse. Quanto aos fatores de aderência, aqueles que se sobressaíram nas respostas são o alto gasto calórico e o dinamismo do esporte, além daqueles que convergem tanto para os fatores de adesão quanto para os de aderência, como por exemplo, o ambiente e a diminuição do estresse através da prática.

Quando questionadas sobre o porquê da escolha do boxe as respostas mais evidentes foram perda de peso/alto gasto calórico/estética, algum conhecido praticava ou foi junto praticar, por ser um exercício que movimenta e trabalha várias partes do corpo ao mesmo tempo, localização, condicionamento e atividade física.

Nenhuma das entrevistadas considera a modalidade um esporte masculino. Das entrevistadas 04 acompanham eventos de boxe na televisão ou campeonatos com atletas de sua academia, 03 acompanham eventos de MMA e 02 acompanhavam eventos de boxe no começo de sua prática e agora não acompanham mais.

Apenas uma das academias oferece horário exclusivamente feminino e nenhuma das entrevistadas importa-se em treinar junto com homens. Uma das

entrevistadas mescla aulas mistas¹⁸ com treinos com *personal trainer* de boxe¹⁹.

4.3 DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas, objetivou-se verificar o que motiva as mulheres a procurar tal prática, e assim compreender determinados sentidos que permeiam este esporte e as atraem.

Em Curitiba o panorama quanto ao perfil das praticantes de boxe pode ser observado a partir de alguns aspectos. A faixa etária está predominantemente entre os 22 e 30 anos e o estado civil quase unânime é de entrevistadas solteiras. Também há outro fator que chama a atenção, a escolaridade e profissão, exceto a entrevistada de 15 anos, o restante possui nível superior completo e atua em sua área, sendo a maioria da área da saúde, como Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional, o que pode sugerir a consciência de aderir práticas físicas, uma vez que estas têm relações diretas com a saúde em sua atuação profissional, além da compatibilidade com a inserção em uma atividade paga, como as aulas de boxe.

A insatisfação com o peso corporal apresentada pela maioria das entrevistadas evidencia um dos motivos principais de aderência ao boxe feminino, uma vez que elas estão aderindo à prática com pretensões estéticas. Isto confere uma ressignificação do sentido social do boxe, caracterizado nas falas das praticantes T., B., C. e J.:

“Sim, é um esporte com alto valor de perda calórica né? Nos treinos perde 900 à 1000 calorias, pra mais.”

“Ah pela estética mesmo, fazer uma atividade física que desse resultado estético.”

“[...] é bem bom pra perder bastante caloria (risos)”

“Teve, é pra manter né o condicionamento físico e pra perder peso também, acho que mulher sempre tá buscando ficar em forma e tal e o boxe é um exercício que ajuda bastante por ser bem aeróbico.”

¹⁸ Aulas de boxe compostas por mulheres e homens.

¹⁹ Profissional do boxe que como *personal trainer* ensina a modalidade apenas à pessoa que o contrata.

“[...] eu queria praticar algum exercício físico, mas eu não gostava muito de musculação, então eu optei em fazer o boxe.”

Esta ressignificação mostra que o boxe praticado por estas mulheres distancia-se da prática no *gym* de Wacquant (2002). Para as mulheres em Curitiba a modalidade torna-se uma atividade física e não enaltece as repercussões culturais do boxe, a qual se difere muito dos sentidos do boxe no *gym*, onde o boxe é remetido à profissão.

Além dos fins estéticos, outros fatores também são relevantes para a adesão à prática, como evidencia a fala de J. e C.:

“Acho que os amigos, os amigos, foi o que mais me influenciou. Acho que a localização também por ser perto do meu trabalho, sair do trabalho e ir pra lá, mas acho que o ponto principal mesmo foram as amizades. “

“ [...] se tornaram amigos dentro da academia. “

“ [...] acho que o ambiente assim eu gostei, as pessoas, logo que eu entrei aqui eu já... Também a localização porque eu moro uma quadra daqui. “

“ [...] eu escolhi pela facilidade mesmo que eu tava aqui perto [...] resolvi assim pela facilidade. “

Mais uma vez, estes fatores mostram que esta prática distancia-se da prática no *gym* de Wacquant, uma vez que para as mulheres, as academias de boxe oportunizam a convivência e fazer amigos, o que mostra a adesão por socialização, enquanto o *gym* mostrado por Wacquant (2002) caracteriza-se por um ambiente rude, de rivalidades, disputas, competitividade exacerbada e até mesmo animosidades. Além da socialização as participantes consideram a localização da academia como fator determinante para adesão e aderência já que 07 das 08 entrevistadas moram e/ou trabalham perto da academia e isto é um ponto facilitador para a prática que as incentiva a aderi-la.

Outro motivo para a adesão é a satisfação que esta traz devido a associação ao tempo livre e a diminuição do estresse que a atividade proporciona, como comentam C. e R.:

“[...] desestressa bastante, você sai bem relaxada.“

“[...] você desestressa de bater sabe.“

“Então eu sei que eu vou cumprir meu horário (no trabalho), sair dali e deixar o estresse lá atrás.“

Quanto à aderência, diversos outros fatores as influenciam, como por exemplo, como se vê nos seguintes trechos das falas de J., R. e T.:

“[...] que o ambiente ali né por ser um ambiente diferente, sair da rotina, é uma coisa que me ajuda a permanecer ali.”

“O boxe na verdade foi uma consequência de estar perto da academia.”

“Ah as atividades assim são mais dinâmicas.”

“[...] ela trabalha bem o corpo por completo [...]”

“Eu acho que pelo que trabalha, que trabalha o corpo inteiro, um exercício aeróbico completo, a gente sente assim, faz bastante abdominal, acho que é um exercício assim que é mais dinâmico que só a musculação, aquela séria repetitiva, foi o que mais me influenciou né.”

“[...] foi um exercício, que o boxe ele mexe o organismo inteiro, então trabalha perna, corpo, cabeça [...]”

“Por ser próximo de casa e pelas pessoas assim, é um ambiente bem tranquilo, você é super bem recebida e facilidade de criar vínculo daí acabei optando por ficar aqui.”

A partir destas falas fatores como ambiente e dinamismo da modalidade ficam ressaltados. No ambiente destas academias as mulheres atraem-se por aqueles que são aconchegantes e agradáveis e, para elas, a prática qualifica-se por apresentar características dinâmicas. Esta realidade encontrada nos ambientes das academias pesquisadas em Curitiba difere muito do que apresenta Wacquant, uma vez que no *gym* o ambiente é marcado por rivalidades.

Também se deve destacar o fato de as mulheres preferirem ou simplesmente não se importarem de treinar com meninos, mesmo na academia em que é oferecido o horário exclusivamente feminino. Isto mostra a inserção estabelecida das mulheres na prática, além do que a ressignificação do boxe quando este também é “para elas”, oferece mudanças, como se observa nas seguintes falas de M. J.:

“Não, pra mim é eu prefiro treinar com homens até, acho que o treino rende mais.”

Uma percepção bastante interessante apontada pelas entrevistadas é que nenhuma delas considera a modalidade um esporte masculino, como se vê na fala de M. J.:

No início eu tive um pouco de receio de entrar na academia por que eu pensava que ia ser uma coisa mais para homens, mas eu nunca tive barreira assim, para mim pelo menos individualmente a minha forma de pensar eu nunca tive preconceito nunca achei que era uma coisa só masculina, sempre treinei tranquila, mas no início eu tinha um pouco de medo que só tivessem homens na academia, mas depois que eu entrei eu vi que tinha muita mulher. Sempre, normalmente tem mais mulher que homem treinando, isso é uma coisa engraçada, em academia que é mais voltada pra musculação né, por que as mulheres vão atrás de condicionamento físico mesmo, vão atrás de emagrecer, então nesse tipo de academia acabam indo mais mulheres. Agora se for uma academia mais direcionada pra luta você encontra um público masculino muito maior por que como eles conhecem normalmente eles vão procurar um lugar que tenha um nome que eles confiem pra treinar.

Stigger (2012) construiu um quadro esquemático que retrata a diferenciação entre o boxe nas academias observadas por ele e o ambiente pesquisado por Wacquant. Tal quadro (Quadro 1) comparativo pode ajudar a jogar alguma luz sobre o objeto investigado por essa pesquisa:

Quadro 1 - Relação preliminar entre o boxe segundo Wacquant e o boxe encontrado em academias

BOXE EM WACQUANT	BOXE EM ACADEMIAS
Esporte relacionado à ascensão social e <i>status</i> social (“saída profissional”).	Esporte como lazer, busca de “forma física”, entre outros interesses.
Boxe é a única prática no espaço do <i>gym</i> . Os praticantes são os boxeadores ou aspirantes a tal.	O boxe é praticado num espaço onde se praticam também outras modalidades. Os praticantes são os “alunos” da academia.
Predominantemente masculino.	Praticado por homens e mulheres.
Corpo visto como uma arma, uma máquina e uma ferramenta. Cenário social de escassas oportunidades de trabalho, onde a pobreza está refletida na vida de todos os praticantes do <i>gym</i> . Grupo com características homogêneas.	O discursos dos “alunos” sobre o corpo envolvem saúde, estética, forma física, etc. Cenário com diferentes classes sociais. Grupo com características heterogêneas.

Quadro 1 - Relação preliminar entre o boxe apresentado nos textos de Wacquant (1998; 2002) e o encontrado em academias. (STIGGER, 2012, p. 106)

Partindo dos apontamentos presentes no quadro, fica clara a convergência de aspectos das academias de boxe em Curitiba com os aspectos apontados por Stigger em relação à prática do boxe em academias de *fitness* na cidade de Porto alegre. Também fica clara a resignificação dessas práticas em relação aos aspectos apurados por Wacquant em relação aos tradicionais salões de treinamento no contexto norte-americano.

Isto mostra que a inserção das mulheres revela um movimento de resignificação e adaptação do boxe para estes novos sujeitos praticantes.

Deve-se ressaltar que as interdições às mulheres não desapareceram totalmente, mas se movimentaram, vêm se modificando. O esporte está sendo apropriado sob novos olhares e destituído de alguns dos seus significados tradicionais e conteúdos, enquanto outros significados e outros conteúdos passam a ser incorporados às práticas. Um desses sentidos mais emblemáticos parece ser a tendência à descaracterização do boxe oferecido nas academias pesquisadas (assim como nos espaços pesquisados por Stigger) dos seus componentes de combate, ou seja, destituído do sentido de luta, seguido de um nivelamento a outras formas de atividade física.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu perceber que os motivos mais influentes para a adesão das mulheres ao boxe feminino são localização, sociabilidade e ambiente. Já os motivos pelos quais elas têm aderência ao esporte são o alto gasto calórico (finalidades estéticas) e o dinamismo do esporte. E também há fatores que aparecem tanto para a adesão quanto para a aderência, como o ambiente e a diminuição e controle do estresse através desta prática.

Os motivos, pretensões, sentidos e significados sociais acerca de um esporte são o que determinam sua prática ou não, e sendo assim, as mulheres claramente procuram o boxe para satisfazer anseios que vão muito além da academia de boxe tradicional. Além do que, a percepção do masculino e feminino, mesmo não sendo objeto inicial do estudo, salta aos olhos e comprova que estas mulheres não se consideram em uma prática masculina, mas sim, apropriaram-se dela de tal maneira que este movimento de inserção tende a elevar-se cada vez mais.

O estudo permitiu ainda considerar que a apropriação do boxe por diferentes espaços, como academias de *fitness* ou mesmo nas academias de boxe que não se enquadram no perfil do *gym* apresentado por Wacquant, merece ter as investigações aprofundadas, especialmente no sentido de tentar compreender os matizes e suas consequências sociais e culturais.

A investigação sobre a participação das mulheres nos esportes em geral e em esportes de combate, como o boxe, mas não só ele, precisa ser melhor compreendida. E nesse sentido, é crucial cruzar as informações levantadas nesse estudo com dados recolhidos em outras realidades, a fim de refletir sobre os papéis sociais que a mulher vem desempenhando na contemporaneidade.

Há ainda a necessidade de investigar a tendência de pasteurização e popularização dos esportes de combate, o nivelamento de práticas provenientes de lugares e contextos distintos, descaracterizando e recaracterizando seus códigos, nos ditos esportes de combate de artes marciais mistas.

REFERÊNCIAS

ABC.org.br. **O cristal de Pederneiras**. Disponível em: <http://www.abc.org.br/impressao.php3?id_article=1883>. Acesso em 10 mai. 2012.

ALVES, E. E. **Motivos de adesão a prática de atividade física em uma academia de ginástica e musculação na cidade de Novo Hamburgo – RS**. 2010, 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2010. [Orientador: João Carlos Jaccottet Piccoli, Ph.D]

BBC.co.uk. **“COI inclui boxe feminino da Olimpíada de 2012”**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/08/090813_boxfemolimpiadasfn.shtml?print=1>. Acesso em 05 mai. 2012.

BOXE.ws. **Ídolos do Boxe**. Disponível em: <<http://www.boxe.ws/idolos-do-boxe.php>>. Acesso em 06 jun. 2012.

BOXERGS.com.br. **Glossário Básico do Boxe**. disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/dicio1.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2012.

BOXERGS.com.br. **“Boxe no Brasil”**. Disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/histori2.htm>> Acesso em 16 out. 2012.

BOXETEAM.com.br. **Boxe explode calorias e conquista também as mulheres**. Disponível em: <http://www.boxeteam.com.br/2011/04/curiosidades.html>. Acesso em 18 jul. 2012.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.199 de 14 de abril de 1941. *Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país*. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, Página 000 (Publicação Original), 16 abr. 1941.

ERLICH, P. **Mentoria e adesão à atividade física: o caso dos usuários da academia CHESF**. Recife, 2010, 192 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Faculdade Boa Viagem, Recife, 2010. [Orientadora: Sônia Maria Rodrigues Calado Dias, Ph.D].

ESPORTES.R7.com. **“Patrícia Morim é eleita a primeira mulher presidente do clube do Flamengo”**. Disponível em <<http://esportes.r7.com/futebol/times/flamengo/area-publica/noticias/patricia-amorim-e-eleita-a-primeira-mulher-presidente-do-flamengo-20091208.html>>. Acesso em: 02 jul. 2012.

EYLER, A. A.; BROWNSON; R. C., DONATELLE; R. J., KING, A. C.; BROWN, D.; SALLIS, J. F. **Physical activity social support and middle- and older-**

aged minority women: results from a US survey. Social Science & Medicine, 1999, 49, p. 781-789.

FERRETTI, M. A. C.; KNIJNIK, J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Revista Movimento**, v.13, n. 1, jan./abr. 2007, p. 57-80.

FLAMENGO.com.br. **Patrícia Amorim.** Disponível em: <http://www.flamengo.com.br/flapedia/Patricia_Amorim> Acesso em 02 jul. 2012.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, v.8, n.1, jan./jun. 2005a. Ano: 2006

LINDSTRÖM, M.; HANSON, B. S.; ÖSTERGREN, P. O. Socioeconomic differences in leisure-time physical activity: the role of social participation and social capital in shaping health related behavior. **Social Science and Medicine**, 2001, 52, p. 441-451.

MOREL, M; SALLES, J. G. C. Futebol feminino. Atlas do esporte no Brasil. In: CONFEF: **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: CONFEF, p. 8264-8265. 2006.

MORROW, J. R.; JACKSON, A. W.; BAZZARRE, T. L.; MILNE, D.; & BLAIR, S. A one-year follow-up to physical activity and health: a report of the Surgeon General. **American Journal of Preventive Medicine**, 1999, 17(1), p. 24-30.

OBSERVATORIODOESPORTE.org.br. **Esporte e Mulher em Perspectiva.** Disponível em: <<http://observatoriodoesporte.org.br/esporte-e-mulher-em-perspectiva/>>. Acesso em 30 mai. 2012.

OLYMPIC.org. **Paris 1900.** Disponível em: <<http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

PROCHASKA J. O.; DICLEMENTE C. C.; NORCROSS J. C. In search of how people change. Applications to addictive behaviors. **American Psychologist**, 1992, v. 47, n. 9, 1102-1114.

PROCHASKA J. O.; NORCROSS J. C.; DICLEMENTE C. C.. **Changing for good.** New York, NY: Collins 2006.

REVISTASHAPE.uol.com.br. **Boxe feminino.** Disponível em: <<http://revistashape.uol.com.br/component/content/1019/materia/boxe-feminino>>. Acesso em 04 jun. 2012.

REVISTASHAPE.uol.com.br. **Boxe para mulheres?** Disponível em: <<http://revistashape.uol.com.br/component/content/1308/materia/boxe-para-mulheres>>. Acesso em 04 jun. 2012.

RODRIGUES, W. C. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST, Paracambi, 2007.

ROJAS, P. N. C. **Aderência aos programas de exercícios físicos em academia de ginástica na cidade de Curitiba-PR**. Florianópolis, 2003, 112 f. Dissertação (Mestre em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. [Orientador: Prof. Dr. Markus V. Nahas].

SALLIS, J. F.; HOVELL, M. F.; HOFSTETTER, C. R. Predictors of adoption and maintenance of vigorous physical activity in men and women. **Preventive Medicine**, v. 21, p. 237 – 251, 1992.

SALLIS, J. F.; PROCHASKA, J. J.; TAYLOR, W. C. A review of correlates of physical activity of children and adolescents. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 32, n. 5, p. 963 – 75, 2000.

SOUZA, G. C. As brasileiras na arbitragem dos esportes de combate. **Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010. Florianópolis, Santa Catarina.

SOUSA, E. S. “**Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)**”. Tese de doutorado em Educação. Campinas: Unicamp, 1994.

STIGGER, M.; MYSKIW, M.; NETO, F. P. M. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Revista Movimento**, v. 18, n. 01, p. 103-123, jan/mar de 2012.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **R. Bras. Ci e Mov.** 2003; 11(4): 7-12.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é boxe, histórias, regras, curiosidades**. Rio de Janeiro: Casa da palavra: COB, 2007.

WACQUANT, L. **Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO.....	44
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO.....	45
APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	46

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Curitiba, ____ de _____ 20__.

Eu, _____ portador do RG n° _____

aceito participar de forma voluntária e autorizo a participação voluntária de minhas alunas na Pesquisa intitulada “Motivos de adesão e aderência ao boxe feminino em quatro academias de Curitiba” realizada pela graduanda em Educação Física Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva, da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas.

Diante do exposto, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação e utilização dos meus depoimentos de livre e espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar.

 Participante

Responsáveis pela pesquisa:

Dr Prof André Mendes Capraro
 Universidade Federal do Paraná – UFPR
 Departamento de Educação Física – DEF
 R. Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
 Curitiba – PR
 CEP: 80215-370
 Bairro: Jardim Botânico
 Telefone: (41) 3360-4339
 E-mail: _____

Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva
 Universidade Federal do Paraná – UFPR
 Departamento de Educação Física – DEF
 R. Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
 Curitiba – PR
 CEP: 80215-370
 Bairro: Jardim Botânico
 Celular: () ____ - ____
 E-mail: _____

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Curitiba, ____ de _____ 20__.

Eu, _____ portador do RG nº _____

aceito participar de forma voluntária da Pesquisa intitulada “Motivos de adesão e aderência ao boxe feminino em quatro academias de Curitiba” realizada pela graduanda em Educação Física Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva, da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas.

Diante do exposto, declaro que fui esclarecido sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participação e utilização dos meus depoimentos de livre e espontânea vontade. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos no projeto não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar.

 Participante

Responsáveis pela pesquisa:

Dr Prof André Mendes Capraro
 Universidade Federal do Paraná – UFPR
 Departamento de Educação Física – DEF
 R. Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
 Curitiba – PR
 CEP: 80215-370
 Bairro: Jardim Botânico
 Telefone: (41) 3360-4339
 E-mail: _____

Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva
 Universidade Federal do Paraná – UFPR
 Departamento de Educação Física – DEF
 R. Coração de Maria, 92, BR 116 Km 95
 Curitiba – PR
 CEP: 80215-370
 Bairro: Jardim Botânico
 Celular: () ____ - ____
 E-mail: _____

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – BOXE FEMININO

Nome: _____

Idade: _____ anos

Estado Civil: () relacionamento estável () solteira

Bairro: _____

- 1) Cidade em que nasceu:
- 2) Escolaridade:
- 3) Profissão:
- 4) Outras atividades?
- 5) Você está satisfeito com seu peso?
- 6) Como você classificaria o seu estado de saúde atual?
- 7) Você faz exames e consultas médicas pelo menos uma vez por ano?
- 8) Fuma, bebe? Algum destes hábitos mudou depois de começar a praticar boxe?
- 9) Como você descreve o nível de estresse em sua vida? Você acha que o esporte ajuda?
- 10) Como você consegue administrar o nível de estresse em sua vida?
- 11) O que mais influenciou para que você ficasse nesta academia?
- 12) Você teve alguma indicação médica para o esporte?
- 13) Você tem amigos frequentando esta academia?
- 14) Cite 2 fatores que para você facilitam a participação neste esporte.
- 15) Cite 2 fatores que para você poderiam dificultar a participação neste esporte.
- 16) Já praticou ou pratica algum outro estilo de luta? Quando? Qual?
- 17) Por que escolheu o boxe?
- 18) Há quanto tempo é praticante do boxe?
- 19) Pratica a modalidade quantas vezes por semana?
- 20) Na sua academia tem horário feminino?
Sim - gostaria de treinos mistos? Treina em outros horários?
Não - Você gostaria de um horário com treino só para mulheres? Combina treinos com amigas/colegas?
- 21) Relacionamento estável – O que o “cônjuge” acha da escolha?
Solteira – Socializa com os colegas de treino? Encontros em horários e locais diferentes dos da academia?
- 22) Considera o esporte uma prática masculina? Por quê?
Sim - Como se sente inserida neste esporte? O que faz para mostrar que mulheres também são praticantes?
Não - Quais traços seus de feminilidade ficam ressaltados nos treinos?
- 23) Acompanha os eventos do esporte? Sabe o nome/informação de alguma atleta feminina do esporte ou tem alguma como referência?

ANEXO

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- a) Você, praticante da modalidade boxe em uma academia está sendo convidado a participar do estudo intitulado *“Motivos de adesão e aderência ao boxe feminino em quatro academias de Curitiba”*. É através de pesquisas como estas, realizadas no meio acadêmico que ocorrem avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é compreender quais os motivos que levam as mulheres em Curitiba a iniciar esta prática e o que as fez escolher o boxe como uma de suas principais atividades físicas.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, realizarei uma entrevista semi-estruturada com algumas perguntas de múltipla escolha e outras as quais você poderá discorrer livremente, com aproximadamente 20 minutos de duração total.
- d) A pesquisadora Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva, graduanda em Educação Física na Universidade Federal do Paraná, pode ser contatada pelos telefones (__) ____-____ e (__) ____-____ ou por e-mail: _____ e/ou seu orientador, Professor Dr. André Capraro, pelo telefone (__) ____-____ ou pelo e-mail: _____. Ambos poderão ser contatados em horário comercial.
- e) Estão garantidas todas as informações ao entrevistado sobre os procedimentos metodológicos da coleta e tratamento dos dados dessa entrevista, bem como, o acesso à transcrição da entrevista, e quaisquer outras informações a respeito do estudo que for de interesse do participante.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento. Desse modo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá solicitar de volta este termo de consentimento livre esclarecido assinado e a garantia de que os dados por você ofertados não poderão ser utilizados nesse estudo.
- g) Se veiculadas, as informações relacionadas ao estudo, somente serão utilizadas pelo pesquisador no âmbito de produção acadêmica, em, por exemplo, artigos, congressos, dissertações e teses.
- h) A sua entrevista será gravada, e se desejar, a transcrição posterior da mesma poderá ser solicitada para sua apreciação e autorização para utilização. O entrevistado terá total liberdade para complementar ou retirar dados.
- i) Somente o pesquisador terá acesso à gravação e ficará sob sua custódia o armazenamento da mesma. O armazenamento destas informações, oriundas da entrevista realizada e gravada, ficará sob custódia do pesquisador por um período de (05) cinco anos contados a partir da data da entrevista, sendo posteriormente destruído. Desta forma, restará apenas o que por meio da produção acadêmica (artigos, dissertações, etc.) estiver registrado na forma escrita.

- j) Após transcrição de sua entrevista, você poderá ter acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para complementar ou retirar os dados.
- k) Você não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar desse estudo. O benefício à pesquisa se dá decorrente de sua experiência no boxe, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo. Sendo o boxe feminino, campo ainda repleto de lacunas dentro das pesquisas acadêmicas, sua participação neste contribuirá com o desenvolvimento da temática beneficiando a memória do boxe feminino.
- l) Para evitar possíveis constrangimentos e/ou incômodos, você poderá comunicar ao entrevistador antecipadamente ou no decorrer da entrevista temas dos quais prefere não abordar, sem que isso afete o natural andamento da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.
- m) Você poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelo pesquisador.
- n) Autorizo, portanto, através deste a utilização das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.)

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, de _____ de 2012.